

JOANA LOPO

O Pelourinho, cartão-postal de Salvador e Patrimônio da Humanidade, carrega em suas ruas seculares e nos alicerces dos sobrados não apenas memórias de dor e resistência, mas também as marcas de uma potência cultural pulsante. No centro dessa história de resiliência que transforma vidas por meio da arte, quatro instituições — Olodum, Fundação Casa de Jorge Amado, Projeto Axé e Fundação Mestre Bimba — se destacam, entre tantas outras, para manter acesa a chama de um Pelô que é muito mais que cenário turístico: é território de cidadania.

Desde os anos 1980, o Olodum é um nome que ecoa com força nas ladeiras da região. Muito além do bloco carnavalesco e da batida que conquistou o mundo, foi a Escola Olodum, nascida em 1983 como Projeto Rufar dos Tambores, que fincou raízes na formação cultural e social de jovens. A escola formou ícones como o mestre Memeu, a maestra trina Andreia e o cantor Lucas Fiori, mas também revelou talentos administrativos, como Magda Sueli, que chegou ainda menina e hoje comanda as finanças do grupo, e Linda Rosa, atual diretora da instituição.

Em constante reinvenção, a Escola desenvolve hoje um projeto, em parceria com a SEAD/MEC e a Universidade Federal do Recôncavo Baiano, beneficiando cem crianças, adolescentes e jovens ao longo de dez meses. A iniciativa também capacita professores para aplicar os conteúdos da Lei 10.639/2003, que torna obrigatório o ensino de história e cultura afro-brasileira nas escolas. Uma segunda fase da ação ampliará o alcance para 200 beneficiários.

"Não formamos apenas artistas, formamos cidadãos protagonistas de seus destinos", enfatiza Marcelo Gentil, historiador, compositor e presidente institucional do Olodum, grupo que integra desde 1987. "Não trabalhamos com meninos de rua, trabalhamos para que eles não precisem ir para as ruas. A cultura é nossa ferramenta de encantamento", afirma. Após capturar os jovens pelo fascínio da arte, o Olodum mergulha em temas essenciais: cidadania, direitos humanos, combate ao racismo, prevenção a ISTs.

A manutenção do ecossistema depende da Banda Olodum, de parcerias estratégicas com empresas públicas e privadas, da gravação de jingles e de cooperações internacionais. "Não queremos ficar com o 'pires na mão'", afirma Gentil. A força do grupo mobiliza turistas, movimenta o comércio e pressiona o poder público — foi esse 'tambor' que deu ritmo à revitalização do Pelourinho, com a recuperação

Cultura vira cidadania

INSPIRAÇÃO PROJETOS SOCIOCULTURAIS DE INSTITUIÇÕES RESILIENTES MANTÊM ACESA A CHAMA DE UM PELÔ QUE É MUITO MAIS DO QUE MERO CENÁRIO TURÍSTICO



Nascida em 1983 como Projeto Rufar dos Tambores, a Escola Olodum fincou raízes na formação cultural e social de jovens do Pelô

da Casa do Benin e da própria Casa do Olodum. Embora cerca de 70% a 80% dos antigos moradores tenham sido deslocados após indenizações, o perfil social atendido é o mesmo.

O impacto vence fronteiras: a Banda Olodum já passou por quase 50 países e tem mais de 40 núcleos apenas na Argentina, além de influenciar projetos como AfroReggae (RJ), Meninos do Morumbi (SP), Arte no Dique (Santos) e Obará (Brasília). "O futuro ao deus Olodumarê pertence", finaliza Gentil, citando a composição de Cabelinho (Jose Carlos Gonzalez Xavier): "Na minha caminhada aprendi a dividir e a repartir o pão".

Casa de Jorge Amado

No mesmo Largo do Pelourinho, outro pilar da cultura baiana se ergue com dignidade: a Fundação Casa de Jorge Amado. "Temos a honra de estar aqui, onde Jorge idealizou esta casa para preservar o lugar, cenário de suas obras", afirma a presidente Angela Fraga. Guardiã dos acer-

vos de Jorge, Zélia Gattai e Myriam Fraga, a Fundação vai além do memorialismo: é uma efervescente Casa de Palavras, com projetos que ecoam por todo o Brasil. Entre eles, o Conjunto Pedagógico, distribuído a escolas públicas, leva painéis históricos e guias de leitura para salas de aula. Já a 'Uma Quarta de Fre-ePelô' recebe alunos de escolas públicas para roteiros culturais — em 2024, foram 26 ações e 5 mil estudantes atendidos.

A Fundação também investe em literatura contemporânea: o Prêmio Myriam Fraga para Autores Inéditos já publicou livros de novos escritores com ampla participação nacional — foram 502 inscritos na última edição. O Clube de Leitura Myriam Fraga, por sua vez, é realizado em parceria com o Diretório Acadêmico de Letras da UFBA e a Academia de Letras da Bahia.

Cursos, oficinas e seminários gratuitos fazem parte da rotina, além de grandes eventos como a Filpelô, maior festa literária da Bahia, que em 2024 atraiu 250



Axébuzo: ônibus com biblioteca e recursos de arte-educação

mil pessoas, gerou mais de mil empregos diretos e ocupou 153 espaços. A edição de 2025 já tem homenagem confirmada ao dramaturgo Dias Gomes. Outras ações incluem as Merendas de Dona Flor, que unem literatura e gastronomia com barracas de moradores locais; o Festival Uma Casa de Palavras; e a Lavagem da Fundação, que mis-



"Temos a honra de estar aqui, onde Jorge Amado idealizou esta casa para preservar o lugar [Pelourinho], cenário de suas obras"

ANGELA FRAGA, presidente da Fundação Casa de Jorge Amado, inaugurada em março de 1987

um processo chamado de 'paquerra pedagógica', feito diretamente nas ruas por educadores com apoio de duas ferramentas: o Axébuzo — ônibus adaptado com biblioteca e recursos de arte-educação — e o Axé Itinere, um carro cheio de brinquedos, livros e materiais lúdicos.

"Essas ferramentas funcionam como meios mobilizadores e geradores de encontros e relações, criando um espaço transicional entre a rua e os serviços culturais arte-educativos", explica Livia Mendes, técnica em atividades educacionais do Axé. A partir daí, as crianças são encaminhadas para as unidades arte-educativas, onde participam de oficinas de artes visuais, moda, música, iniciação artística, capoeira, dança, percussão e letramento digital. Além disso, recebem alimentação, transporte escolar, atendimento nutricional, acompanhamento familiar e escolar, além do AMO, vale-alimentação mensal que garante apoio às famílias.

E se o tambor, o livro e o desejo conduzem as transformações, a ginga da capoeira completa esse legado no Pelourinho. A Fundação Mestre Bimba (Fumeb), sob o comando de Mestre Mascote e liderança benemerita de Mestre Nenel — filho do lendário Bimba —, é o bastião da Capoeira Regional. A sede no Pelô é ponto de peregrinação de turistas e capoeiristas do mundo inteiro, com aulas práticas, teóricas, rodas semanais, musicalidade e projetos como o Samba Tijubinas, coordenado pela Mestre Nalvinha.

Seu coração social pulsa forte no projeto Capoeirê, que oferece ensino gratuito da Regional a crianças e jovens de baixa renda. Ex-alunos hoje atuam como mestres voluntários, mantendo viva a tradição em núcleos nos bairros de Nordeste de Amarelinha, Chapada do Rio Vermelho, Plataforma, Naranjinha e na própria sede. "Desenvolvemos autonomia, criticidade e emancipação", afirma a entidade. No Pelourinho, cultura não é ornamento — é trincheira e farol.

LEIA ÍNTEGRA NO PORTAL A TARDE

Meninos do Pelô: como o esporte e a cultura transformam infâncias

Nos becos e ladeiras de pedras centenárias, onde os tambores ressoam e a memória afrodescendente pulsa, meninos e meninas do Pelourinho traçam novos caminhos a partir da cultura e do esporte. No coração do Centro Histórico de Salvador, o projeto Capoeirê, da Fundação Mestre Bimba, tem sido uma dessas pontes de transformação, em que o berimbau afina futuros e a capoeira ensina mais que movimentos: ensina pertencimento, história e resistência.

Artur Lucas Souza de Jesus, de apenas 6 anos, já sente os efeitos dessa vivência. "Me sinto muito bem na capoeira. Adoro o professor, ele é muito carinhoso e ensina a gente a tocar pandeiro, cantar músicas. Mudou a minha vida porque eu aprendo muitas coisas novas. Gosto muito do Pelourinho e do projeto", conta.

No mesmo compasso segue Maria Helena de Jesus Palmeira, 10 anos, que atende pelo apelido de Princesa. "Entre na capoeira com 7 anos e sempre

me ensinou muito. Ensinou a me defender, a dançar e a cantar. Faço escola, banca e a capoeira, que me ajuda a desenvolver mais as atividades do meu dia a dia e a viver a minha vida melhor", relata.

Fundada por discípulos do lendário Mestre Bimba, criador da Capoeira Regional, a Fundação que leva seu nome atua com projetos socioculturais há décadas, mantendo viva a tradição da capoeira como elemento de identidade e instrumento de inclusão social. O Capoeirê é um desses braços, acolhendo crianças e adoles-

centes do Centro Histórico em aulas gratuitas, com foco não apenas nos golpes, mas na formação cidadã.

"Capoeira não é só o movimento", repete Eric Vinicius Almeida Tavares, 18 anos, estudante de jornalismo e capoeirista nas horas vagas. Com olhar crítico e palavras afiadas, ele traduz a filosofia do projeto: "Acho que a melhor palavra para explicar o sentimento é respeito. Toda aula o professor lembra para nós quem era Mestre Bimba, a história da capoeira e do projeto. A capoeira é a representação da luta de todos os negros que passaram mais de 300 anos sendo escravizados no Brasil e, quando libertos, relegados para a margem da sociedade".

Para ele, o Capoeirê foi mais que uma prática corporal: foi um reencontro com sua própria herança. "Passei a ficar mais disposto e confiante. Além disso, foi uma forma que encontrei de praticar exercícios numa agenda corrida. O projeto foi uma oportunidade".



No Pelourinho, onde a memória do tráfico negreiro ainda ecoa entre as fachadas coloniais e igrejas barrocas, a roda de capoeira é mais que uma expressão artística: é um rito de ressignificação. "Devemos valorizar isso cada vez mais. O ambiente cultural do Pelourinho e a sua história. Acho notável como conseguimos res-

significar um dos locais mais brutais do período escravocrata para um ponto turístico da capital. Claro, devemos sempre lembrar para não repetir, mas não podemos ficar presos somente à essa imagem", conclui Tavares.

Ao lado da capoeira, outros projetos também fincam suas raízes no território do Pelô —

iniciativas de reforço escolar, oficinas de percussão, aulas de teatro, dança e leitura, organizadas por instituições como o Ilê Aiyê, a Fundação Pierre Verger, o Olodum e a própria Fundação Cultural do Estado da Bahia, que administra equipamentos como a Casa do Benin, a Casa de Angola e o Centro Cultural Solar Ferrão.